

A mitificação de Buenos Aires nos poemas “Las Calles” e “Arrabal” de Jorge Luis Borges

The mythification of Buenos Aires in the poems "Las Calles" and "Arrabal" by Jorge Luis Borges

Giovana Reis LUNARDI*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO: A intenção deste estudo é analisar os poemas de Jorge Luis Borges, “Las Calles” e “Arrabal” (presentes no livro *Fervor de Buenos Aires – 1923*), buscando a compreensão da Buenos Aires mítica/mitológica constituída por Borges. A leitura dos poemas visa à compreensão da maneira como a cidade de Buenos Aires é descrita por Borges em um espaço mítico, partindo do referencial teórico de Assens (1999), Sarlo (2007, 2008), Vaccaro (2008), Pimentel (1998) e Valcárcel (2002). Após considerações teóricas acerca da obra de Jorge Luis Borges, são apresentados os poemas que constituem o *corpus* de pesquisa e, em seguida, as tessituras teóricas que dão respaldo à análise.

PALAVRAS-CHAVE: Buenos Aires. Jorge Luis Borges. Mito.

ABSTRACT: The intention of this study is to analyze the poems "Las Calles" and "Arrabal" (present in the book *Fervor de Buenos Aires - 1923*) by Jorge Luis Borges, seeking the understanding of the mythical/mythological Buenos Aires constituted by Borges. The reading of the poems aims to understand how the city of Buenos Aires is described by Borges in a mythical space, based on the theoretical framework of Assens (1999), Sarlo (2007, 2008), Vaccaro (2008),

* Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), linha de pesquisa Cognição e Uso, orientada pelo professor pós-doutor Fábio Lopes da Silva. Mestre em Letras/área de Concentração em Estudos Linguísticos pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Dissertação sob orientação do prof. pós-doutor Ernani César de Freitas, intitulada "Teoria dos Blocos Semânticos e orientação argumentativa para construção do sentido em reportagem jornalística: compreensão leitora do título metafórico ao texto". Especialista em Literaturas do Cone Sul pela UFFS/Chapecó, com pesquisa sobre "Metáforas na ficção de Jorge Luis Borges", orientada pelo prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro Especialista em Produção e Revisão de Textos pela Unochapecó, com pesquisa em Autoria pela perspectiva discursiva. Graduada em Letras Habilitação Português/Espanhol e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Email: gio.gio.lunardi@gmail.com

Pimentel (1998) and Valcárcel (2002). After theoretical considerations about the work of Jorge Luis Borges, the poems that constitute the corpus of the research are presented and then the theoretical weavings that support the analysis.

KEYWORDS: Buenos Aires. Jorge Luis Borges. Myth.

1 A obra de Jorge Luis Borges

“El estilo de Borges es inteligente y límpido, de una concisión matemática, de audaces adjetivos e insólitas ideas, en el que, rozamos a cada paso ese inquietante misterio que es la perfección”.
(Mario Vargas Llosa)

É destaque na literatura argentina, da geração de 1920, o escritor Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo, mais conhecido como Jorge Luis Borges (1899 – 1986). Seus contos, envoltos em um realismo mágico, fascinaram leitores de vários países e foram amplamente traduzidos. Já os poemas sofreram influência da biblioteca pessoal que o autor construiu com muita leitura durante sua vida. Borges desenhou um dos paradigmas da literatura argentina, a partir de uma mescla entre cultura europeia e a inflexão rioplatense do castelhano no cenário de um país marginal (SARLO, 2008). Beatriz Sarlo também chama atenção para a duplicidade ao considerar “Borges um escritor cosmopolita e nacional” (2008, p.18). Diante do panorama da literatura argentina,

A industrialização nos países latino-americanos provocava a migração das populações das zonas rurais, que partiam rumo aos grandes centros urbanos. Isso provocou a formação de uma sociedade marginalizada que se aglomerava em bairros pobres da periferia das grandes cidades. Esse novo segmento da população passou a cultivar um sentimento universalizado de frustração, uma espécie de alheamento em relação à cidade grande. Sentiam a exclusão e o preconceito. Esse quadro está presente na constituição da mitificação de Buenos Aires, de modo que podemos perceber a formação memorialística a partir da realidade e da ficção. (REINOSO, 2012, p. 62)

A maneira como os imigrantes e suas culturas misturavam-se aos argentinos e sua cultura local, causa uma certa universalização da cidade. Os primeiros poemas do escritor destacam-se pelo poder de visualidade, são partes da cidade desenhadas em palavras, emolduradas pelo entardecer e pelo cotidiano.

Em geral, a leitura tanto de contos quanto de poemas do escritor argentino Jorge Luis Borges exige certo olhar reflexivo, dada a densidade das temáticas elegidas e a maneira que o escritor insere questionamentos filosóficos em suas narrativas. Borges antevê as possibilidades e alcances metafísicos da ficção fantástica, fazendo com que aquilo que fica sem resolução para a metafísica possa ser resolvido nos espaços da literatura fantástica (VACCARO, 2009).

O escritor argentino era cético com relação à impossibilidade de as correntes filosóficas explicarem certos conceitos. Desse modo, a linguagem, como maneira de explicar, entender e conceitualizar o mundo, é instrumento de destaque na obra borgeana; isso na medida em que se propõe a explicar a realidade.

2 O arrabalde e as ruas de Buenos Aires

Desde o retorno à cidade natal de Buenos Aires, a temática da urbe, diante de um duplo nacionalismo-cosmopolitismo, faz parte da obra de Jorge Luis Borges. Os poemas “**Arrabal**” e “**Las Calles**” sugerem o impacto do autor ao deparar-se com a nova Buenos Aires. Ao retornar da Europa, no ano de 1921, depois de ter sido educado na Suíça durante a Primeira Guerra Mundial, Borges encontra uma cidade que praticamente não reconhece, modificada pela modernidade, pelo crescimento demográfico¹ e econômico, pela industrialização, os movimentos vanguardistas e a imigração, processo que já levava décadas na metrópole. Tendo crescido muito, a nova cidade recebe imigrantes e torna possível a constituição de uma economia voltada ao desenvolvimento.

Diante desse quadro, Borges questiona-se sobre a possibilidade de fazer literatura num país periférico, e, mais especificamente, em uma metrópole cercada pelo campo e que recebe ecos da cultura *criolla* (SARLO, 2008). Ao percorrer o urbano em suas obras, o autor faz da cidade umas das bases de discussão da memória, na medida em que busca constituir outra Buenos Aires, distinta da cidade moderna com a qual se depara. Há, nessa constituição memorialística de Buenos Aires, diferença entre a memória de sua infância (real) e a memória ficcional que o faz recriar a cidade. Em outras palavras, Borges inventa

¹ Segundo Pimentel (1998, p. 117) “[...] em 1914, vivem em Buenos Aires perto de 1,6 milhão de pessoas – mais de 20% do total argentino de 7.885.237 habitantes”.

uma memória da cidade que não é exatamente a memória do que viveu, mas antes uma outra no âmbito da ficção. A memória que descreve Buenos Aires é fictícia, Sarlo (2008, p.19) explica que “Borges reinventa um passado cultural e rearma uma tradição literária argentina em operações que são contemporâneas de sua leitura das literaturas estrangeiras. [...] Faz da margem uma estética”. Essa Buenos Aires é composta pelo arrabalde e pelas ruas, temáticas visíveis nos poemas analisados nesse estudo.

A produção de uma Buenos Aires mitificada, segundo Júlio Pimentel, (1998, p. 128) pode, no mínimo, ter três significados:

[...] busca de um perfil urbano **menos assustador e mais reconhecível** – lugar visível e familiar, espécie de universo pessoal –, constituição de cenário ou de protagonista para os enredos trabalhados nos textos – nesses termos, Buenos Aires pode ser o espaço coletivo, o próprio personagem ou o pano de fundo no desenrolar de um conteúdo conjectural, de uma textualidade –; fixação de referências para a constituição da narrativa – sejam elas referências voltadas ao **conteúdo** ou à forma do **texto**. (Grifo nosso)

A intenção de construir um espaço literário para suas narrativas, propõe uma nova imagem da cidade natal. Além disso, há a finalidade de identificar a visão coletiva da cidade, mesclada ao prolongamento do passado recuperado pela memória em viés ficcional. Dentre os aspectos dessa *cidade mitificada* está a definição de uma hora que contribua para a nova imagem.

No ensaio intitulado “Buenos Aires” (1921), pertencente à obra *Inquisiciones*, Borges (1994, p. 35) discorre com certa displicência e ironia sobre o momento idôneo do dia para captar a “alma imaginária da cidade”. Propõe como hora-órfã as duas e meia, porque nela nada se fixa e pode ter várias cores. Depois de descartar a manhã, o entardecer e a noite, por serem demasiado literários, Borges afirma (1994, p. 35): “Por ejemplo: las dos y pico, p.m. El cielo asume entonces cualquier color. Ningún director de orquesta nos impone su pauta. La cinestesia fluye por los ojos pueriles o la ciudad se adentra en nosotros. Así nos hemos empapado de Buenos Aires”. Essa alma precisa deve ser constituída de modo que possa servir de imagem poética para a mitificação da cidade de Buenos Aires. As cenas constituídas por uma hora diferenciada do tradicional, no sentido que a poesia repete muitas das suas imagens, são figurativizações do espaço mítico elaborado por Borges e presentes em suas poesias e contos.

A seguir, apresentamos as análises dos poemas selecionados.

3 “Las Calles” e “Arrabal”

Buenos Aires tem suas ruas e bairros redesenhados pelas palavras de Jorge Luis Borges, um dos poucos, senão o único, que o faz conferindo-lhe uma visibilidade universal. A Buenos Aires representada em seus textos não é uma ruidosa metrópole, de amplas avenidas, mas uma cidade antiga, suburbana, de paisagens fronteiriças, marginais, de ruas pouco iluminadas, ainda com aromas campestres.

O poema intitulado “**Las Calles**” (anexo A) está presente em seu primeiro livro de poesias, *Fervor de Buenos Aires* (1923). As “calles” (ruas) são tomadas/vistas² como *entranhas*, remetendo-nos às vísceras, ao íntimo, a algo profundo, interior e que pode ser considerado lugar dos sentimentos. Lemos: “Las calles de Buenos Aires ya son mi entraña” (BORGES, 2007, p.16-17). Todavia, Borges não escolhe como *entranhas* as ruas cheias de pessoas/multidão, mas sim dos *bulícios*, as ruas *indolentes*, do subúrbio, este quadro sim é que se aproxima do conceito de *arrabal*. Borges “[...] percorre o urbano ao longo de sua obra e faz da cidade uma das bases de sua ininterrupta discussão sobre a memória, no ensaio de consecução de uma identidade frente ao caos estabelecido pela metropolização em curso” (PIMENTEL, 1998, p. 127). Sarlo define “as orillas — os arrabaldes de Borges [...]” como um “[...] lugar indefinido entre a planície e as últimas casas, ao qual se chegava a partir de uma cidade ainda pontilhada de pátios e terrenos baldios [...]” (2008, p. 23).

No sétimo verso do poema, a presença das penumbras/ocaso nas ruas da cidade retoma a utilização que Borges faz do poente em suas escritas. As ruas estão “*enternecidas de penumbra y de ocaso*”, assim, fazemos referência a outro poema de Borges, chamado “Atardeceres”, no qual sobressai a imagem do crepúsculo, “La cara muchedumbre de un poniente / ha exaltado la calle, la calle abierta como un ancho sueño [...]” (BORGES, 2007, p. 88). Essa é a chamada hora-órfã, na descrição das ruas, retomando o ensaio “Buenos Aires”; Borges (1994, p.35) constitui no arrabalde um conflito antitético, cuja imagem é um *chiaroscuro*, ele explica, o “conflicto de la visualidad y de la sombra”, que pode ser percebido no poema.

² Lembramos a relação com a perda de visão sofrida por Borges.

Conforme Vaccaro (2008) estão presentes o sentimento nacional, o estrangeiro, o *criollo*³ (o que seria autenticamente argentino) e a criação de uma Buenos Aires mitológica – que depositasse o passado e justificasse a cidade moderna de 1920. Dentre tais temáticas procuramos compreender a relação entre as ruas e o arrabalde que formam Buenos Aires. A compreensão daquilo que constitui o arrabalde de Borges perpassa pela Buenos Aires mítica; a poesia manifesta a formação de uma nova cidade para o poeta, que concentra a memória do passado (mesmo que este tenha sido de observação diante das grades de sua casa) com a realidade presente.

Assim, percebe-se, pelo poema analisado, que Buenos Aires ganha contornos de cidade-origem e cidade-síntese, tornando-se a cidade das *orillas*, dos *arrabaldes*, ponto de partida e chegada dos itinerários borgeanos (PIMENTEL, 1998). Para melhor explicar, a cidade-origem é entendida como aquela que potencializa a criação poética e de onde se origina tal criação, e é síntese porque se torna o cenário literário no qual estão presentes personagens borgeanos como o *compadrito* – “figura típica dos arrabaldes e das margens da moderna Buenos Aires” (VACCARO, 2008, p. 14), as prostitutas, etc. Mas, para constituir essa nova Buenos Aires, a memória é fundamental.

A memória tem, então, duplo papel: ao mesmo tempo em que constrói uma Buenos Aires imaginária, essencialmente distinta da cidade moderna, permite a compreensão, factível através de suas lentes, de outros contextos e realidades urbanas; em outras palavras, é origem e fim – explicação – de toda leitura urbana processada por Borges. Ao reaproximar-se de sua cidade-origem, Borges acentua menos a cidade verdadeira, por onde passeia, e mais a cidade-síntese, cidade dos seus sonhos, cidade produzida pela memória de outros tempos (PIMENTEL, 1998, p. 146).

Intencionando detalhar sobre essa cidade-síntese, Borges analisa quem vive nela; as casas são habitadas, conforme o verso “porque milhares de almas singulares las pueblan, únicas ante Dios y en el tiempo y sin duda preciosas” (BORGES, 2007, p. 16-17). Segundo Pimentel (1998, p. 150), a soma das memórias individuais resulta na historicidade da metrópole, o que, aos olhos de Borges, é uma reivindicação da própria cidade. Segundo o crítico:

³ O *criollo* é um personagem urbano, figura existente desde a conquista, como os espanhóis nascidos em América. Segundo Vaccaro (2008, p. 13), “[...] a palavra *criollo* já remete à ideia de um descendente europeu”; com o passar do tempo essa expressão sofreu mudanças semânticas e chegou a representar também o gaúcho (nem espanhol, nem índio), e, na segunda metade do século XIX, *criollo* passou a ser visto como um possível modelo de argentividade.

Reivindicação de cidade e de tempo imaginários: recurso borgeano cujo principal objetivo é oferecer à cidade moderna uma alternativa, é definir uma memória coletiva, resultado da atribuição de uma nova função ao passado, a de responder aos incômodos do presente, de evitar a cidade viva, fruto de uma experiência histórica que traz a modernidade.

Essa soma de memórias coletivas é acrescida da memória-ficcional porque Borges dialoga com a história e “[...] faz, muitas vezes, da ficção, um instrumento desse diálogo. [...] Em vez de uma oposição clara à história, um Borges que lida com o mundo vivido relacionando-o a seu universo imaginário” (PIMENTEL, 1998, p. 211).

No final do poema podemos perceber que as casas, a perderem-se na visão do eu-lírico, representam parte da memória da cidade borgeana; essas casas fazem parte da experiência histórica e da modernidade. Borges faz referência, no poema, ao “Oeste, Norte e Sul”, de modo que pode ser remetido aos ideais universalistas, os quais fizeram o poeta tomar Buenos Aires como a cidade-síntese. No poema, as ruas são pátrias e os versos estão hasteando as bandeiras das ruas/pátrias. Borges propõe uma fundação alternativa do espaço de Buenos Aires através da palavra e do caráter mítico-poético, um moderno *locus amoenus*. Buenos Aires é sintetizada no espaço dos arredores, subúrbios, já se evidenciando na escrita borgeana a troca do centro pelas *orillas*.

O segundo poema (anexo B) a ser analisado é “**Arrabal**” / “**Arrabalde**” (BORGES, 2007, p. 50-51), e nele o eu-lírico constrói a metáfora “o arrabal é um reflexo do tédio”; o poeta revê a cidade natal e, no início, manifesta um tédio que pode significar tanto desprazer, aborrecimento, quanto tranquilidade ou calma. Essa metáfora do *tédio* ainda permite que o leitor perceba certo enfado, desgosto e fastio ao perceber a caminhada pelas ruas de Buenos Aires, ou melhor, pelo *arrabalde*. Outra palavra de impacto no início do poema é o verbo *claudicaram*: “[...] mis pasos clauricaron cuando iban pisar el horizonte” (BORGES, 2007, p. 50), ou seja, os pés perderam a firmeza ao pisar em ruas que o poeta não mais reconhece.

Ao retornar para Buenos Aires e fundar sua escrita nessa cidade, Borges elege o *arrabal* como tema central de sua poesia. Trata-se de um tema já referenciado pela literatura universal, um espaço literário que, por ser genérico a várias produções, caracteriza o *universalismo* de Borges. Em 1921 Borges entendia que o *arrabal* e o *pampa* eram os “temas poéticos por excelência da realidade Argentina”, sendo propriamente

manifestações de uma realidade argentina (VALCÁRCEL, 2002, p. 43, tradução nossa)⁴. O poema “Arrabal” menciona *casas, quadras* (isso remete às ruas/*calles*), sendo quadras “diferentes e iguais”, recurso estilístico conhecido como antítese, que fortalece a composição da cidade-síntese, cuja constituição é a do campo com a cidade, da memória ficcional com a memória real.

As casas são vistas como “monótonas lembranças repetidas” [...] há, também, para constituição estilística da cidade, a metáfora “los naipes de colores del poniente” e assim, após a percepção dessa metáfora é que o eu-lírico “sentiu Buenos Aires”, o que remete aos conceitos de cidade-origem e cidade-síntese propostos por Pimentel (1998). A cidade-origem na qual Buenos Aires se transforma é o lugar “[...] onde se manifestam todas as tensões e perigos, todos os focos de afeto externamente pressentidos, mas apenas lá consumados” (PIMENTEL, 1998, p. 133). Ser considerada uma síntese vem do fato de que nela as demais cidades se espelhariam; constituída pela memória e pelos reflexos da modernidade, essa nova cidade é entendida como a cidade-síntese. Ao fim do poema, o eu-lírico conclui que Buenos Aires não é mais uma cidade-passado, mas sim presente e futura. Nos últimos versos lemos: “[...] los años que he vivido en Europa son ilusorios, yo estaba siempre (y estaré) en Buenos Aires” (BORGES, 2007, p. 50). É possível perceber nesse verso dois caminhos de interpretação, primeiramente no sentido do eu-lírico retomar a memória da estadia na Europa como afastada da sua realidade argentina, mas formadora de uma visão que valoriza Buenos Aires. O verso também demonstra uma nostalgia relacionada à memória da terra natal no exílio. Em seguida, no sentido de um processo de mitificação, ou seja, na constituição de um mito. A Buenos Aires mitológica tem seus personagens maravilhosos, personagens como o *compadrito*, tem o *arrabalde*.

Todavia, há uma indagação que ainda permanece e que muitos teóricos investigam: “[...] por qué el Buenos Aires del arrabal?” (VALCÁRCEL, 2002, p. 41). Houve muitos estímulos para que Buenos Aires fosse considerada por Borges uma cidade dos *arrabais*. O contato de Borges com Cansino Assens e as discussões literárias acerca da metáfora, do verso livre e sobre poesia além do *criollismo* da geração de 1910, influenciaram a constituição da ideia do *arrabal* como tema poético (VALCÁRCEL, 2002). Para Assens, no artigo “El arrabal en la literatura” (1999, p.08), o *arrabal* é uma

⁴ “[...] los temas poéticos por excelencia de la realidad Argentina” (VALCÁRCEL, 2002, p. 43).

“efusão indeterminada de cores”, histórias e sentimentos, algo de efusões imprecisas, metáfora com o mar. O *arrabal* é um espaço mítico porque é formado de maneira metafórica, pela soma do campo com a cidade. Borges pensava (1926) que “el arrabal – símbolo a medio hacer – y la pampa eran los dos temas poéticos por excelencia de la realidad argentina: De la riqueza infatigable del mundo, sólo nos pertenecen el arrabal y la pampa” (BORGES, 1993). Na época, o subúrbio concentrava muitas temáticas polêmicas, como por exemplo, aspectos políticos que reivindicavam uma reforma democratizante da cidade; polêmicas culturais e literárias. Todavia, o subúrbio tem representação diferenciada na obra borgeana, isso porque,

[...] o vanguardismo criollista de Borges introduziria um matiz novo em dito contexto; nem o bairro progressista que ia cobrando relevância social em virtude da modernidade, nem o reduto folclórico, marginal e tanguero, de quem recuperaram exclusivamente desde a nostalgia. Esse matiz consistiu precisamente na conjunção de opostos: modernidade e tradição, cidade e pampa (VALCÁRCEL, 2002, p. 44, tradução nossa)⁵.

Essa citação é extremamente relevante para o processo de compreensão do olhar mítico-poético de Borges para Buenos Aires, e para a maneira que funde a cidade e o pampa na criação de um espaço intermediário que se denomina *arrabal*. Além da demarcação de lugares e da memória, as *orillas* “são índices da geografia imaginária que serve para ligar o mundo histórico e o filosófico” (PIMENTEL, 1998, p. 263).

Dito por Valcárcel (2002, p. 48) o *arrabal* “[...] va precedido de imágenes en que prevalecen el tedio, la monotonía o la austeridad y la pobreza, hasta que se impone la luminosidad del poniente (‘Y divisé en la hondura/los naipes de colores del poniente/y sentí Buenos Aires’) [...]”. Destacamos a captação da *alma imaginária da cidade* proposta por Borges, que nega a manhã, a noite e a madrugada.

Entre a Buenos Aires da qual recordava e aquela que encontrou em 1921, Borges desenhou um espaço literário cujas produções denominaram-se *criollismo urbano de vanguardia* (SARLO, 2007, p. 149). Isso porque a linguagem utilizada por Borges, com destreza, e adornada por metáforas não pertence a nenhuma corrente em específico, antes

⁵ “[...] el vanguardismo criollista de Borges introducirá un matiz nuevo en dicho contexto: ni el barrio progresista que iba cobrando relevancia social en virtud de la modernidad, ni el reducto folclórico, marginal y tanguero, de quienes lo recuperaron exclusivamente desde la nostalgia. Ese matiz consistió de opuestos: modernidad y tradición, ciudad y pampa” (VALCÁRCEL, 2002, p. 44).

é formada por um fazer literário que observa as influências da imigração e das vivências na Europa. Buenos Aires é um espaço da memória borgeana e um espaço mítico da literatura Argentina. Beatriz Sarlo (2007) discute o grande paradoxo entre a modernidade e o passado, identificado na obra borgeana. Destacamos nos poemas a presença dessas imagens de outrora, da infância do autor, que não condizem com a Buenos Aires de 1920. Dito por Sarlo (2007, p. 151), “El cosmopolitismo en Borges no puede separarse de su reformulación del criollismo”, isso porque é essencial à criação de novos personagens do mundo mítico de Borges.

La modernidad se abre en su doble cara (duplicidad semiótica e ideológica de lo moderno). Borges escribe esto desde *las orillas* que, en su literatura, suponen un ideograma espacial y un cronotopo: las orillas no son solo un umbral sino también un tipo de tiempo y una prolongación en el espacio del tiempo criollo. La ciudad y sus orillas rurales tienen en la poesía de Borges las cualidades morales que atribuye a lo argentino (lo argentino hispano-criollo, en oposición a lo argentino nuevo, de origen inmigratorio). Las orillas son, sin duda, orillas de occidente, pero también son el *finis terrae* de un ethos hispano-criollo que ha desaparecido (SARLO, 2007, p. 153).

As *orillas* são um novo campo cultural, Borges restaura um espaço de coragem, honra, tango, personagens míticos e enredos que se configuram no “subúrbio arrabalero” (SARLO, 2007, p. 155), as personagens constituem um *ethos* suburbano dos argentinos. Assim, Borges altera as linhas do mapa literário na época, para traçar novos rumos na literatura, rompe com o modernismo e produz uma poesia exótica, além de contos e ensaios que discutem de modo metafísico a existência e enredos de personagens borgeanos.

Na obra “El tamaño de mi esperanza” (BORGES, 1993, p. 21 – 25), em *La pampa y el suburbio son dioses*, Borges (1993, p. 24) escreveu: “Es indudable que el arrabal y la pampa existen del todo y que los siento abrirse como heridas y me duelen igual”. O trecho demonstra o sofrimento relacionado àquilo pelo que o poeta tem apreço. Mais adiante admite que “sólo nos pertenecen el arrabal y la pampa” (BORGES, 1993, p. 25).

Os poemas de Borges, em destaque aos analisados neste estudo, demonstram que Buenos Aires é uma cidade dos arrabaldes, um espaço mitológico construído pelo autor, no qual vivem personagens das margens, e o taciturno é manifestado pela escolha de uma hora órfã. Para Vaccaro (2008, p. 12),

A literatura desses tempos estava caracterizada por uma intensa atividade cultural nos bairros portenhos, o que se traduzia no consumo de periódicos, novelas e revistas literárias, encontros em clubes e associações de vizinhos, utilização de bibliotecas populares. Deve-se mencionar, neste aspecto cultural, a existência de um grande número de *escritores marginais*, que se comprometiam com as particularidades do processo modernista da cidade de Buenos Aires e que se opunham aos que pensavam que a década de 20 na Argentina era um espaço de discussões e fervores nacionalistas destinados a formar a identidade nacional (que representasse, sobretudo, os cidadãos portenhos).

Tais escritores marginais tem por temática de suas escritas, em destaque para Borges, o *arrabalde*, que, como vimos, torna-se espaço mítico por excelência na obra borgeana, de modo que propõe uma nova visão à literatura, desvinculada das vanguardas europeias. Mesmo tendo participado do Ultraísmo⁶, na Europa, ele está presente, de modo diluído, na produção inicial do autor entre os anos de 1920 a 1930.

Nos poemas de *Fervor de Buenos Aires*, a matéria poética ali presente são “[...] las calles y los atardeceres del arrabal cuyos colores las difuminan y las vuelven casi invisibles” (VÁLCARCEL, 2002, p.46). O poema borgeano, nas palavras de Reinoso (2012, p. 62) “[...] é um convite à reflexão, um passeio por uma provinciana Buenos Aires, cheia de mistério e nostalgia”.

O argentino ainda aborda as “apaixonadas condições dos poentes” e das casas (ancestralidade entre a terra e o céu) que encontra em Buenos Aires. As casas possuem um certo fatalismo, próprio também dos seus habitantes, e, segundo Borges, do próprio espírito *criollo*. Percebemos que o tema principal desse poema é o reencontro com a cidade natal, a monotonia dos bairros e das casas tão parecidas entre si, o que auxilia na compreensão daquilo que Borges define como sendo Buenos Aires. Borges transforma sua cidade natal em um espaço estético-literário. Assim, os poemas aqui estudados demonstram uma visão inédita e a formação de uma mitologia pessoal, o que leva Sarlo (2007, p. 149) a definir a linguagem no poemas de Borges como um “Criollismo urbano de vanguardia”.

CONCLUSÃO

⁶ Borges participou do ultraísmo espanhol (fundado por Rafael Casinos Assens, em 1918), em 1921, sendo o catalizador da vanguarda na Argentina.

Este estudo contemplou a leitura dos poemas “Las Calles” e “Arrabal”, de modo que fosse realizada a associação das ruas/calles que compõe a Buenos Aires mítica/fabulosa de Borges. Nessa leitura, foi possível compreender, a partir das imagens das ruas e dos arrabaldes, que a formação da cidade de Buenos Aires pode ser caracterizada pelas memórias reais e ficcionais do poeta. As ruas do arrabalde não são ruas quaisquer, porque compõem a figurativização de uma cidade-síntese mitológica. Há nos poemas analisados representações borgeanas das ruas e dos arrabaldes que perpassam a obra do autor em outros textos, como por exemplo, o ensaio “Buenos Aires” (1921). Assim, essa cidade desenhada por palavras contempla elementos reais e ficcionais que se misturam no próprio arrabalde.

Sendo uma poesia que se origina da combinação ente memórias e vivências (reais e ficcionais), este estudo, ao utilizar-se das proposições de Sarlo (2007, 2008), Vaccaro (2008), Pimentel (1998) e Valcárcel (2002), demonstrou que os arrabaldes/*arrabais* borgeanos são formados pelas ruas/*calles* poetizadas pelo olhar único do escritor e da poesia. Um olhar que funde a memória da antiga Buenos Aires com a cidade modernizada. A Buenos Aires composta pela memória unida às impressões de uma cidade cosmopolita origina um espaço mitológico no qual estarão presentes os personagens borgeanos. Sua visão sobre a cidade destaca elementos categóricos para a produção de uma argentinidade, e das ruas transformadas em entranhas às ruas do centro, Borges fundou uma cidade mitológica.

Este estudo não se entende por acabado, mas sim como um percurso das pesquisas em Literatura sobre a obra de Jorge Luis Borges, de modo que intenciona servir de motivação a novos estudos e escritas.

REFERÊNCIAS

ANSSENS, Rafael Cansinos. **El arrabal en la literatura** (1924). *Variaciones Borges*, n. 8, 1999. Disponível em: <<http://www.borges.pitt.edu/sites/default/files/0805.pdf>>. Acesso em: 20 nov./2012

BORGES, Jorge Luis. **El tamaño de mi esperanza**. Buenos Aires: Seix Barral, 1993.

_____. **Inquisiciones**. Barcelona: Seix Barral, 1994.

_____. “Las Calles”. In: _____. **Primeira Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.16-17. Tradução Josely Vianna Baptista.

_____. “Arrabal”. In: _____. **Primeira Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.16-17. Tradução Josely Vianna Baptista.

PIMENTEL, Pinto Júlio. **Uma memória do Mundo – ficção, memória e história em Jorge Luis Borges**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

REINOSO, Daniel. Panorama da Literatura argentina. In: LOPES, Galeano Cicero (org.). **Literaturas Americanas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. (p. 54 – 71)

SARLO, Beatriz. **Escritos sobre a literatura argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

_____. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=RW-itU8379gC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Acesso em: 10 dez./2012.

VACCARO, Santo Gabriel. A Buenos Aires de 1900 na escrita de Jorge Luis Borges. Crátilo: **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Patos de Minas: UNIPAM. (1); 10-19. Ano 1, 2008.

VALCÁRCEL, Carmen de M. “El criollismo vanguardista de Borges y la estética del arrabal”. In: DOMÍNGUEZ, Eloy N.; GUTIÉRREZ, Rosa G. (org.). **Nacionalismo y vanguardias en las literaturas hispánicas**. Huelva: Universidad de Huelva, 2002, p.39-51.

ANEXO A

Las calles (Jorge Luis Borges)⁷
Las calles de Buenos Aires
ya son mi entraña.
No las ávidas calles,
incómodas de turba y de ajeteo,
sino las calles desganadas del barrio,
casi invisibles de habituales,
enternecidas de penumbra y de ocaso
y aquellas más afuera
ajenas de árboles piadosos
donde austeras casitas apenas se aventuran,

⁷ (BORGES, 2007, p. 16 - 17).

*abrumadas por inmortales distancias,
a perderse en la honda visión
de cielo y de llanura.
Son para el solitario una promesa
porque millares de almas singulares las pueblan,
únicas ante Dios y en el tiempo
y sin duda preciosas.
Hacia el Oeste, el Norte y el Sur
se han desplegado – y son también la patria – las calles:
ojalá en versos que trazo
estén esas banderas.*

ANEXO B

Arrabal

(Jorge Luis Borges)⁸

*El arrabal es el reflejo de nuestro tedio.
Mis pasos claudicaron
cuando iban a pisar el horizonte
y quedé entre las casas, cuadrículadas en manzanas
diferentes e iguales como si fueran todas ellas
monótonos recuerdos repetidos de una sola manzana.
El pastito precario,
desesperadamente esperanzado,
salpicaba las piedras de la calle
y divisé en la hondura
los naipes de colores del poniente
y sentí Buenos Aires.
Esta ciudad que yo creí mi pasado
es mi porvenir, mi presente;
los años que he vivido en Europa son ilusorios,
yo estaba siempre (y estaré) en Buenos Aires.*

⁸ (BORGES, 2007, p. 50 - 51).